

GRANDE LOJA MAÇÔNICA
DO ESTADO DE SÃO PAULO



A Verdade

ANO LXIX - Nº 550 - Maio / Junho de 2022

Revista Maçônica

**A CONSTRUÇÃO
HISTÓRICA DA
IDENTIDADE
MAÇÔNICA
MITOS DE ORIGEM**





Este é o último editorial para a revista *A Verdade* que escrevo em minha gestão. Os sentimentos que afloram são intensos e inúmeros, assim como as palavras que poderiam expressar meu orgulho e a minha satisfação de ter estado Grão-Mestre nesses últimos três anos.

Posso dizer que “combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé. Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda”, lembrando Paulo de Tarso, o apóstolo dos gentios. Ou, ainda, dando um toque de poesia nessas linhas, falaria como Fernando Pessoa e afirmaria que “tudo vale a pena, quando a alma não é pequena”.

Ao término do meu mandato, completarei 14 anos dedicados à administração da nossa querida Glesp, atuando em diversos cargos e colaborando com diferentes gestões. Enquanto estive à frente da instituição, ela avançou em diversos setores, adentrou na modernidade do século 21, utilizando de maneira mais efetiva os recursos que a tecnologia nos oferece. Atuei no sentido de reduzir gastos, otimizar processos administrativos, tornar a Potência mais próxima das lojas e dos irmãos. Fomentei a participação de toda a família maçônica nas atividades benemerentes das lojas, propiciando ainda mais o compartilhamento dos nossos valores e ideais com as cunhadas, os sobrinhos e as sobrinhas.

Intimamente, o que mais me trouxe satisfação foi buscar reavivar e enaltecer em todos os irmãos o orgulho e a responsabilidade de ser maçom. Por essa razão, sempre incentivei o aprimoramento pessoal e ritualístico em nossas Colunas. Acredito que, somente assim, poderemos atuar com mais eficiência como verdadeiros Construtores Sociais.

Não tenho muito a lamentar, graças ao Grande Arquiteto do Universo, apenas o fato de descobrir que em nossas fileiras há irmãos que agem com vileza em busca do poder a qualquer custo, destoando dos ensinamentos que a Maçonaria nos passa; e a pandemia de Covid-19, que além de ceifar a vida de irmãos, amigos e familiares, atrapalhou a execução de alguns projetos e propostas que tínhamos em nosso programa administrativo.

Agradeço aos irmãos de toda a jurisdição que apoiaram a nossa gestão e colaboraram como puderam para que a Glesp continuasse avançando em sua trajetória. Quero externar o meu apreço e admiração aos Grandes Oficiais e aos Delegados Regionais e Distritais, os quais, com afincamento e, muitas vezes, se privando do convívio com suas famílias, não mediram esforços para que a Glesp e o Grão-Mestre estivessem representados em cada oficina, em cada sessão. E minha gratidão a todos os funcionários e colaboradores, que buscaram atender às demandas apresentadas pela nossa gestão, mantendo a instituição funcionando a todo vapor e com a qualidade e eficiência necessárias, mesmo durante a pandemia. Obviamente, não poderia deixar de expressar o agradecimento à minha família, que em todos os momentos esteve ao meu lado, dando o suporte e o amparo necessários para eu seguir adiante.

Quero ressaltar que não preciso estar no cargo de Grão-Mestre para continuar colaborando para o progresso da Glesp e para o crescimento da Maçonaria. Reitero às lojas e aos irmãos que sempre estarei de pé e à Ordem para ajudá-los naquilo que for preciso.

A união, o trabalho contínuo, a fraternidade e os ensinamentos maçônicos sempre servirão como pavimento para o futuro da Glesp, que a passos firmes rumo aos 100 anos. Portanto, não podemos esmorecer. Sigamos construindo uma sociedade mais justa e perfeita.

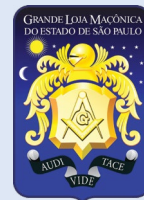
Ao meu sucessor, o irmão Jorge Anysio Haddad, desejo boa sorte, uma profícua administração e que continue o trabalho de elevar a nossa Potência ao patamar que ela merece.

Fraternal abraço e que o Grande Arquiteto do Universo a todos proteja e guarde!



Grão-Mestre João Xavier

◆ EXPEDIENTE ◆



A Verdade

Publicação bimestral da Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo (Glesp)

Fundador

Irmão Francisco Rorato (1911-1983)
Loja Prudente de Moraes, 5

Administração

Grão-Mestre João Xavier
Loja Manchester Paulista, 413
Oriente de Sorocaba

Conselho Editorial

Descartes de Souza Teixeira (L. 10)
Ezivaldo Lins de Araújo (L. 124)
Samir Nakhle Khoury (L. 141)
Samir Cury (L. 857)

Editor e Jornalista Responsável

Vagner Apinhanesi (MTb: 41.856-SP)

EDIÇÃO DIGITAL

Assinatura

Seis edições bimestrais: R\$ 106,15

REVISTA A VERDADE

Rua São Joaquim, 138
Liberdade - São Paulo - SP
CEP: 01508-000
Tel: (11) 3207-8399

E-mail: averdade@glesp.org.br
www.glesp.org.br

Atenção: Os colaboradores das revistas *A Verdade* e *Grande Loja em Destaque*, que enviam informações, textos, fotos e imagens, são responsáveis pela autoria e originalidade do material enviado às revistas e pela obtenção de autorização de terceiros para a devida utilização, quando necessária, respondendo, assim, por qualquer reivindicação que eventualmente venha a ser apresentada às revistas em relação aos direitos intelectuais e/ou direitos de imagem. Os colaboradores das revistas da Glesp são voluntários e não recebem remuneração pelo trabalho cedido às publicações. Os artigos assinados não refletem, necessariamente, o pensamento da direção ou do editor das revistas. Não devolvemos originais não publicados.





A construção histórica da identidade maçônica – mitos de origem

Embora encontremos definições sobre o que significa e é a Maçonaria, constando em livros e sites institucionais que podem ser acessados por qualquer pessoa, o que a história e as trajetórias percorridas por ela evidenciam é a diversidade. Assim como seu significado, também seu surgimento está envolto em mitos.



4
Capa

O Mito Templário-Maçom

Um dos temas que na minha modesta opinião gera muita confusão é a história dos Cavaleiros Templários, muitas vezes levando ao paradoxo do “quem veio primeiro, o ovo ou a galinha?”, com relação à conexão da ordem medieval com a Maçonaria.



12

O homem voador de Avicena – a separação da matéria e da consciência

Avicena tinha a pretensão de provar, com o argumento do estudo feito por ele, intitulado *Homem Voador*, que a mente, ou alma, seria distinta e separada do corpo. Ou seja, a alma permanece mesmo quando o corpo morre.



18

As Colunas J e B

As colunas J e B não são salomônicas, mas maçônicas, ou seja, são representações maçônicas daquelas do primeiro templo. E, segundo Kenyho Ismail, quando da construção ou reforma de um templo maçônico, o lugar adequado para consultar os seus adornos é o ritual e não a Bíblia.



20

Equinócio de Outono: início da Verdadeira Luz

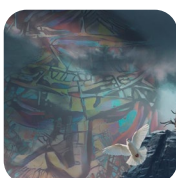
Os povos antigos já faziam uso do Sol, da Lua e das estrelas para conhecerem as divisões do tempo em anos, meses e estações. Acreditavam serem mágicos os dias de equinócios e solstícios, em virtude das transformações que traziam para a natureza.



24

O Reino de Deus não é aqui nem lá, está dentro de nós

Temos de despertar para o fato de que, como filhos de Deus, criados à sua imagem e semelhança como ensinam as escrituras, a essência da alma humana é o amor, porque Deus é amor e Deus está em nós.



26



30

A existência do Grande Arquiteto do Universo

Todos aqueles que duvidam da existência do Grande Arquiteto do Universo, levantem os olhos para o céu estrelado; contemplem o Sol quando surge e depois desaparece no horizonte; admirem a flor saudando o orvalho da manhã, enfim, que fechem os olhos e escutem o que lhes diz o silêncio.



32

A Evolução do Maçom e da Maçonaria

A Maçonaria é como o tronco de uma grande e vigorosa árvore. Pode-se podá-la, cortar os galhos ou queimá-los. Frutos e folhas vêm e vão com o tempo. Mas o tronco permanece, sempre pronto a levar a seiva preciosa para recomendar e manter a vida, a partir de suas raízes, fixas e imutáveis.

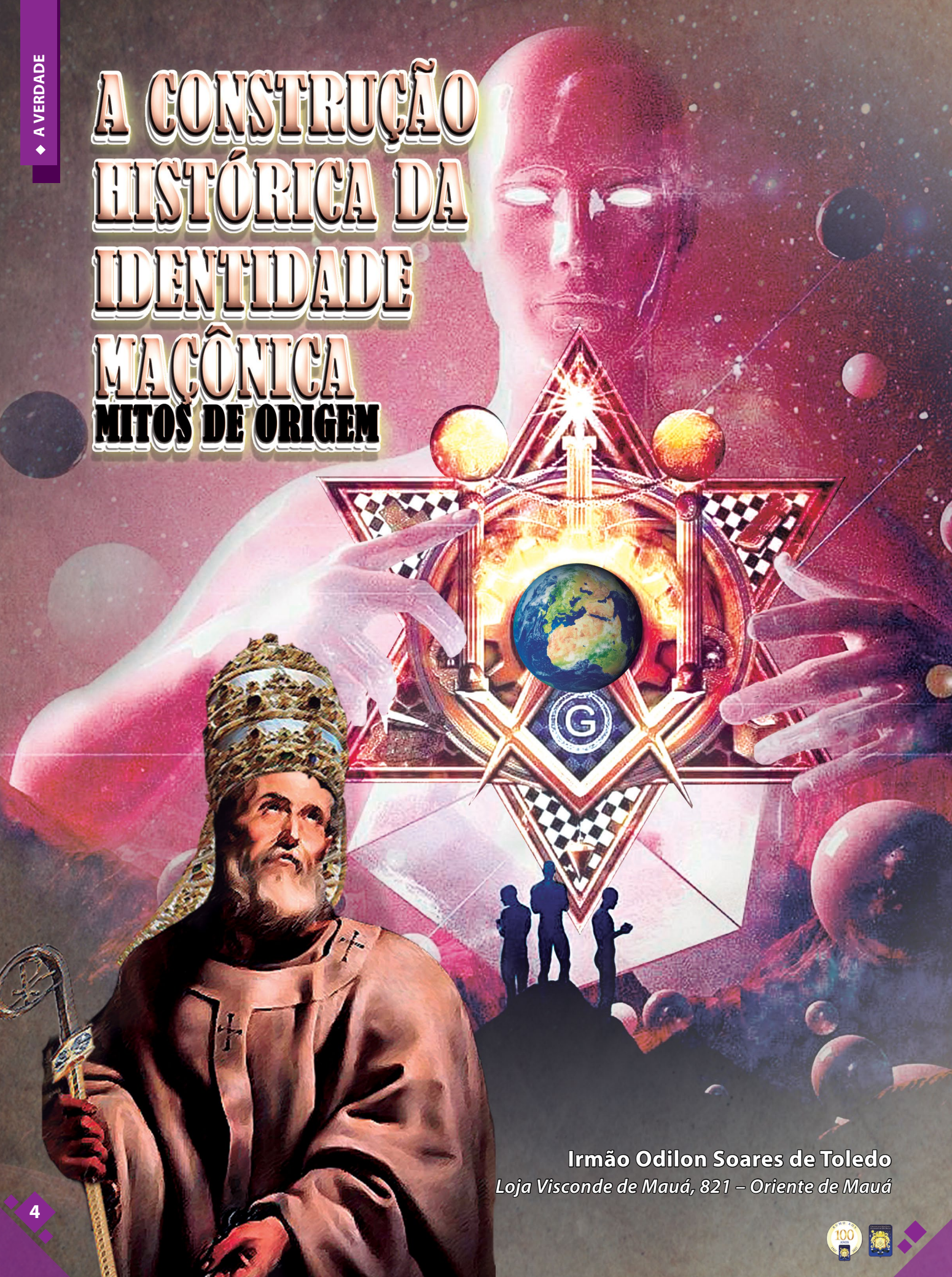


38

Morte

Poema que retrata o momento da chegada da morte, levando o indivíduo à reflexão sobre a sua preparação para o inevitável, com todas as nuances de sentimentos que afloram quando se trata do tema.

A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA IDENTIDADE MAÇÔNICA MITOS DE ORIGEM



Irmão Odilon Soares de Toledo
Loja Visconde de Mauá, 821 – Oriente de Mauá

Um dos principais fatores de controvérsias em torno do que é a Maçonaria vincula-se à religião. Paradoxalmente, devido à complexa relação com a Igreja, esta influenciou o senso comum, a perceber a Maçonaria como magia. A existência de narrativas que vinculam a Instituição Maçônica a práticas demoníacas, por exemplo, pode estar relacionada à construção de uma identidade negativa, que surge desse confronto com a Igreja.

A filosofia maçônica carrega em seu âmago a busca por uma igualdade entre os homens, sem negar a existência de um Deus único, neutro, identificado por Grande Arquiteto do Universo, comumente chamado de G.:A.:D.:U.:. Sua atuação sobre o mundo se assemelha à ação de um operário, daí o símbolo da Maçonaria ser composto pelo esquadro e o compasso. Por isso, para os maçons, esse Deus é o Ser Superior que mantém o equilíbrio do Universo.

O esquadro e o compasso são os dois elementos que compõem o principal símbolo da Maçonaria moderna, evidenciando o lugar da razão na conformação da identidade grupal e a inserção no ideário moderno. Nesse simbolismo, o esquadro representa a união entre a linha vertical e horizontal, significando a retidão e a ação transformadora do homem sobre si mesmo. Já o compasso simboliza o espírito e a racionalidade. Os círculos formados por ele representam as próprias lojas ou o universo maçônico.

A Maçonaria, assim, não expulsa o caráter cosmológico, visto que conta com a presença de um Ser Superior, um arquiteto responsável por manejar os seus instrumentos, promovendo equilíbrio e felicidade. A existência de uma divindade leva à identificação equivocada da Maçonaria como religião. Os maçons creem no G.:A.:D.:U.:, que, na verdade, é uma representação de Deus independentemente das instituições religiosas às quais seus membros estão vinculados. Trata-se de um Deus único, representado de formas diferentes em cada religião. Cabe observar que dentro da Maçonaria existem pessoas inseridas em diferentes instituições religiosas, e isso é um motivo de orgulho para a Ordem.

Valores morais relativos às concepções modernas, como liberdade e tolerância religiosas, são marcas identitárias imprescindíveis que a Maçonaria defende e ostenta. É justamente pelo fato de ter pluralidade de crenças individuais como valor estruturante que a Maçonaria não se concebe como religião, corroborando com a ideia de individualidade do maçom.





Porém, a questão religiosa está sempre presente. Não cabe aqui entrar na complexa discussão sobre a distinção entre religião e magia, presente na literatura de Durkheim (1912). Contudo, em termos históricos, o conceito de religião esteve associado à Igreja, e esta como detentora das verdades universais. Assim, o que não estava no âmbito das crenças e práticas da Igreja era caracterizado como magia ou algo demonizado.

É nesse sentido que podemos discutir as relações conflituosas da Igreja Católica e a Maçonaria, particularmente no Brasil do século XIX. O surgimento e o alcance da Instituição Maçônica geraram conflitos com a Igreja desde o início. A Ordem foi oficialmente rejeitada com a Bula *In Eminentis Apostolatus Specula*, de 1738, assinada pelo Papa Clemente XII, que condenava a Maçonaria por ser uma “sociedade secreta” e condenava à excomunhão os católicos maçons. Outro documento relevante foi *Providas Romanorum* (18/05/1751), do papa Bento XIV, que ratificou as premissas do anterior.

Esses documentos condenavam a Maçonaria pelo seu caráter secreto, o que a tornava digna de desconfiança por parte de todos os poderes constituídos, clericais ou leigos. Após a Revolução Francesa de 1789, onde alguns dos princípios fundamentais do liberalismo foram implementados e exemplarmente sintetizados na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão e na Constituição Civil do Clero, a Igreja recrudescer suas posições com relação aos maçons e demais sociedades secretas.

Com a proibição, houve também a rejeição popular, o que fez com que, ao longo do tempo, a Maçonaria se tornasse cada vez mais discreta. Porém, tal proibição, de fato, não repercutiu na incorporação de membros influentes em seus quadros. Por exemplo, mais de 14 presidentes dos Estados Unidos eram maçons. Além de George Washington, temos outras figuras históricas relevantes, como James Monroe,

James Polk, Andrew Johnson e Theodore Roosevelt, dentre outros. Vale lembrar que elementos mágicos, no sentido negativo, foram incorporados à versão popular, somando características demoníacas ao caráter obscuro de uma “sociedade secreta”.

Essa disputa com a Igreja Católica foi a grande responsável pela criação de um estigma negativo. “Adoradores do diabo”, “ocultistas” e outros nomes são costumeiramente utilizados para descrever os maçons. Dentre essas denominações, ganha relevo um termo curioso: bode. Os maçons eram assim chamados por conta das patas desse animal, que faziam referência a Lúcifer. De qualquer modo, a figura de um deus “chifrudo” foi a principal justificativa para a perseguição aos Cavaleiros Templários, motivando a tomada de suas terras e suas riquezas pelo rei e pela Igreja.

Dentro da Irmandade, o termo bode tem outro significado. É um estigma negativo que foi adotado e transformado em um motivo de orgulho. O autor maçom Castellani afirma que o termo provém da era da Inquisição, em que os irmãos eram perseguidos e torturados. Porém, tal como “bodes”, não emitiam nenhum som, ou seja, não delatavam seus companheiros.

No Brasil, não foi diferente e, como veremos adiante, intelectuais, comerciantes, políticos e profissionais liberais desconsideraram a posição da Igreja e fortaleceram o quadro de membros da Ordem.

Outro mito é a ideia que assemelha a Maçonaria a um Clube de Vantagens, onde é possível manter contato com pessoas da mais alta escala social, além da relação profissional entre os membros, preferindo-os em certas decisões. Entretanto, essa ideia conclui que a Maçonaria abre portas, mas não as mantém abertas, ou seja, tudo fica a critério do desenvolvimento dessas relações sociais e de poder.

Embora encontremos definições sobre o que significa e é a Maçonaria, constando em livros e sites institucionais que podem ser acessados por qualquer pessoa, o que a história e as trajetórias per-

corridas por ela evidenciam é a diversidade. Assim como seu significado, também seu surgimento está envolto em mitos.

Sabe-se que todos os grupos humanos elaboram mitos de origem, tidos como patrimônio simbólico comum. Os mitos de origens são marcados fortemente pelo etnocentrismo, na medida em que visam dar explicação sobre o surgimento de um grupo específico. No caso da Maçonaria, existem versões endógenas sobre sua origem. Esse é justamente o fator que divide o que é chamado de Maçonaria Antiga e Maçonaria Moderna.

As antigas tradições indicam as origens da Maçonaria no Egito Antigo, como decorrência da sabedoria necessária para a construção das pirâmides, sabedoria esta transmitida oralmente até Moisés, o que seria o elo com os elementos da cultura judaico-cristã. De posse dos conhecimentos, estes foram repassados até seu descendente, Salomão, que os aplicou na construção do templo de Javé. Essa versão dá uma nobreza única à própria Instituição.

Outro mito corrente sugere que teria surgido através dos Cavaleiros Templários, os quais, fugindo da Inquisição, no ano de 1314, buscaram abrigo na Grã-Bretanha. Esses remanescentes teriam se fundido com as corporações de ofício de construtores, formando, assim, a Maçonaria.

Um dos argumentos que embasa essa hipótese é o próprio termo “pedreiro” ou, então, “construtor”, que é a forma como se autodenominam os maçons, sendo no inglês mason e no francês maçonn.

Apesar de todos os mitos de origem serem “legitimados” com a utilização dos símbolos nos rituais, nenhum é tão marcante quanto o do personagem bíblico Hiram. Este era o arquiteto da construção de Salomão e, ao assumir o cargo, dividiu os operários em três categorias – Aprendiz, Companheiro e Mestre – que possuíam sinais e toques diferentes, com o intuito de distingui-las na hora do pagamento, e por aí a lenda se desenrola.



Esse mito carrega consigo uma grande carga simbólica, pois, além de toda a divisão hierárquica da Ordem, trata do segredo e, principalmente, da fidelidade que deveria servir para nortear o próprio maçom.

Há, nesse momento, uma ruptura entre a Maçonaria Antiga e a Moderna. Esta última figura a partir de um momento histórico inglês no qual ferve o Iluminismo. Juntamente a isso, temos a questão da fundação realmente documentada da Maçonaria.

Até 1717, as sessões eram realizadas em tabernas e locais escondidos, sendo o sigilo completo uma diretriz básica. Historicamente, a documentação aponta que a origem institucional data de 24 de junho de 1717, com a fundação da Grande Loja de Londres.

A criação da Grande Loja da Inglaterra demarca a transição da Maçonaria Operativa, que surgiu na Idade Média por meio dos construtores das grandes catedrais, para a Maçonaria Especulativa, ou filosófica, onde passaram a ser aceitos não somente pedreiros, mas também livres pensadores. A França foi o grande centro de difusão das ideias maçônicas e, em 1789, possuía cerca de 50 mil iniciados, e em todas as cidades existia pelo menos uma loja.

A formação da identidade maçônica no Brasil do século 19

Já não há mais dúvidas quanto ao papel que a Maçonaria representou na história brasileira desde o fim do século XVIII, quando aqui chega e se organiza. Papel que não é somente aquele que em regra se lhe atribuem, e que é o de uma de suas lojas. O Grande Oriente do Rio de Janeiro originou o Apostolado dos Andradas, que sai a público dirigindo os acontecimentos que precedem imediatamente a Independência do Brasil e a determinam. O papel da família Andrada é amplo e profundo. É também antigo e, mais que tudo, orgânico, articulado dentro e fora da colônia, influenciando, sistematicamente, importantes acontecimentos do Império.

Com essa influência exercida pelo aparato político, a Maçonaria acaba de certo modo expondo alguns de seus fundamentos morais.

Em contrapartida, a sociedade civil encontra-se subordinada a uma força que desconhece e que está estruturada em torno de um suporte legal, mas que é coesa e se adapta à realidade conjuntural, o que faz com que essa difusão tenha sucesso em determinados meios de sociabilidade comum.

Na segunda metade do século XIX, o Brasil sofria influência dos ideais iluministas oriundos da Europa, e parte da Maçonaria os adotou por preceitos. Todavia, é possível notar, também, que esses ideais eram os fundamentos da Maçonaria, retratados em alguns de seus landmarks.

Dessa forma, é possível estabelecer a conexão entre a participação efetiva da Ordem no processo de mudanças na sociedade brasileira do século XIX através da presença de maçons na política ocupando cargos de peso.

É importante ressaltar que, para a funcionalidade do liberalismo, foi necessário adaptar padrões, ou seja, embutir as ideologias europeias sob a matriz de outras realidades. De certa forma, esse é o motivo pelo qual esse ideário era tão ambíguo, pois apesar de ser público nos discursos políticos inflamados, era descolado da política real e a mobilização das classes inferiores era baixa, acontecendo somente quando era de interesse das elites.

Nesse sentido, pode-se observar que as personagens constantes na memória da Maçonaria, como as eminentes figuras mencionadas, extrapolam os limites individuais, com trajetórias e biografias particulares.

Representada por seus membros, a Maçonaria passa a estar presente nas diversas instâncias de poder, influenciando e sendo influenciada pelas dinâmicas sociopolíticas. Dois exemplos dessa inserção são a luta pela libertação dos escravos e a República.


É necessário aqui seguir o caminho da factualidade para resaltar a participação maçônica nesses proces-

sos. Em relação à emancipação gradual do trabalho escravo, temos a instauração da Lei Eusébio de Queirós, que foi o passo inicial do processo. Publicada em 4 de setembro de 1850, essa lei proibia o comércio de escravos para o Brasil. Todavia, o comércio interprovincial continuou a ser praticado. Tal comércio era motivado pela corrupção, presumida, das autoridades e devido, ainda, ao grande número de escravos existentes no Brasil. Posteriormente, foi sancionada, em 1854, a Lei Nabuco de Araújo, que previa sanções para autoridades que encobrissem o contrabando de escravos dentro do Brasil. O cerco começa a se fechar.

Em 1870, temos a Lei do Ventre Livre, promulgada durante a gestão de Visconde do Rio Branco, Grão-Mestre da Maçonaria no Brasil. Em 1885, é aprovada a Lei Saraiva Cotegipe, também chamada de Lei dos Sexagenários. Essa lei libertava os escravos com mais de 60 anos de idade, mas estes tinham de cumprir mais cinco anos de trabalho. Os que já tinham 65 anos estariam libertos. Os abolicionistas consideravam essa lei ilusória, visto que a expectativa de vida dos escravos era muito baixa. A sanção da Lei Áurea, em 1888, vem para coroar o processo gradual e ocorre durante o mandato do ministro João Alfredo Correa de Oliveira, também maçom.

Já para a construção da República, Deodoro da Fonseca emerge como um ilustre representante maçom. A Ordem perdura no poder com o Governo Provisório formado totalmente por um Ministério Maçom, que era assim constituído: Campos Sales, Wandenkönig, Benjamin Constant, Rui Barbosa, Demétrio Ribeiro, Quintino Bocaiuva e Aristides Lobo. Efetivamente, a Maçonaria só sai do poder após o governo do maçom Floriano Peixoto, que resiste a levantes e entrega o poder a presidentes civis.

Para corroborar com esse modo de ver a Maçonaria não como um bloco coeso, mas como uma Instituição formada por distintos agentes, nos apoiamos em Marco Morel (2005), que expõe essas cisões internas de forma sutil, mas altamente perceptível.



Determinado grupo defendia a ação política da Maçonaria, enquanto outro tinha como prerrogativa a caridade e o bem-estar social. Contudo, concordavam com o credo no Homem: os maçons nem sempre eram revolucionários, havia uma espécie de gradualismo evolucionista nessa libertação da Humanidade. Se cada indivíduo atingisse o degrau máximo e hierarquizado dessa escala da perfeição, as revoluções se tornariam desnecessárias.

Nesse ponto, atestamos uma relação interessante da Maçonaria com o movimento abolicionista. A Ordem acaba construindo uma memória “pró-Nação”, tendo por proposta a constituição de um sentimento de identidade, reconhecimento e união do povo através de fatos que eram cotidianos, mas que só ganharam destaque em determinado momento. Dessa forma, as punições corporais acabavam ganhando destaque nos jornais para causar a sensibilização da população e o seu consequente apoio ao movimento abolicionista, da mesma forma como a opressão da monarquia e a má administração dos rumos nacionais tinham o mesmo intuito para com a fundação da República.

Ao nos apossarmos do conceito de memória artificial de Paul Ricoeur, podemos traçar um paralelo não com a construção dos fatos, mas com a amplitude e o tempo oportuno com que esses fatos alcançam a grande massa, manipulando de certa forma o apoio popular.

O que caracterizamos até o momento foi o envolvimento maçônico direto com a política nacional e de que modo essa conexão afetou a sociedade. A relação paradoxal entre discrição e difusão, se opondo à visibilidade e à publicidade, chama a atenção, pois ao mesmo tempo em que busca a ampliação de suas ideias, não busca a promoção de si mesma, devido a um instinto de sobrevivência e de autopreservação. Sobre isso, nos diz Habermas: “A política do segredo, na época do Iluminismo, típica das lojas maçônicas, mas também difundida entre outras ligas e associações, é de caráter dialético. A razão que deve concretizar-se na comunicação racional de um público de homens cultos, no uso

público do entendimento, por ameaçar uma relação qualquer de poder, ela mesma necessita de proteção de não se tornar pública”.

Desse modo, vemos uma frágil fronteira entre a participação desses homens que se posicionavam não enquanto maçons, mas como líderes políticos. Apesar de a esfera pública não possuir os moldes característicos de uma instituição, percebemos uma instituição dentro da esfera pública, agindo de acordo com seus preceitos e com claro reconhecimento de poder e influência. Influência esta construída por meio das relações sociais, visto que, apesar de a participação não possuir legitimação formal, estava arraigada devido às relações interpessoais entre a sociedade política, civil e intelectual.

A palavra “público” aqui muda de sentido. Ao invés da significação de um elemento pertencente ao Estado, aqui se trata de algo ampliado para todos no conceito de espaço público moderno. E isso representa a aceitação desses ideais por uma parcela considerável da população.

A disseminação e a diversidade de ritos indicam a heterogeneidade desse grupo. Os ritos são uma série de orientações cerimoniais sobre a realização dos trabalhos realizados nas reuniões. Os ritos também possuem um significado hierárquico, o qual estabelece uma posição dentro do conhecimento da própria filosofia da Ordem: os três graus iniciais que são chamados de Simbólicos. Estes se referem aos Aprendizes, Companheiros e Mestres, que são títulos comuns a todos os maçons.

Há, também, os graus chamados Filosóficos, que variam do 4º Grau a até o 33º Grau, dependendo do rito. São inúmeros os ritos exercidos em todo o Brasil, sendo possível destacar o Rito Escocês Antigo e Aceito, o Rito de York, o Adonhiranita, o Francês e até mesmo o Rito Brasileiro, criado em 1914, havendo ficado sem uso efetivo até 1968, quando foi reerguido e praticado na atualidade. Além de cerimoniais exclusivos para cada rito, existem, ainda, diferenciações nos paramentos utilizados pelos maçons, pois cada rito apresenta características distintas nos paramentos. A própria cor

da gravata indica a qual rito a loja pertence. Por exemplo: os membros da loja do Rito de York usam gravatas pretas, enquanto os membros da loja que segue o Rito Adonhiramita usam gravatas brancas, além de outras observações possíveis.

Apesar da impressão aparente de fragmentação identitária, elementos unificadores e ancestralidade são fatores decisivos na preservação da identidade comum dos maçons. Geralmente, esses fatores estão atrelados a eventos históricos ou ao acionamento da memória de indivíduos de destaque social, fazendo com que os maçons se unam em prol de objetivos comuns.

Assim, é possível observar que a formação da identidade maçônica, no Brasil, ganha destaque e é mantida porque seus integrantes estão unidos em prol de reivindicar a participação histórica da Maçonaria nos acontecimentos nacionais e sua rememoração para os próprios maçons. ◆

BIBLIOGRAFIA

- MACHADO, Luiz Toledo. *Formação do Brasil e Unidade Nacional*. São Paulo: IBRASA, 1980.
- MASIL, Curtis. *O que é Maçonaria?* Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A., 1986.
- MATTOSO, K. *O filho da Escrava (em torno da lei do ventre livre)*. RBH. São Paulo, 8 (16): 37-45, 1988.
- MENDONÇA, J.M. *Entre a mão e os anéis, a Lei do Sexagenário e os caminhos da abolição no Brasil*. Campinas: Unicamp, 1999.
- MORAES, Evaristo de. *A Campanha Abolicionista (1879-1888)*. Brasília: UnB, 1986.
- MOREL, Marco. SOUZA, Françoise J de O. *O Poder da Maçonaria - A história de uma sociedade secreta no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2008.
- MOREL, Marco. *A Ordem e o Império In Nossa História*. Rio de Janeiro: Vera Cruz, Ano 2, nº 20. Junho / 2005.
- NEVES, L.M.; MACHADO, H.F. *O Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1999.
- NOGUEIRA, Marco Aurélio. *Desventuras do Liberalismo: Joaquim Nabuco e a Monarquia Republicana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- PENNA, Lincoln de Abreu. *República Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- PRADO Jr., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- PROBER, Kurt. *A verdadeira história do Palácio Maçônico do Lavradio*. Editora Prober, Universidade do Texas, 1986.
- RICOEUR, Paul. *Memória, História e Esquecimento*. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.
- SANTOS, Myriam Sepúlveda. *Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos*. Texto Digital.
- SILVA, Ana Rosa Clodet da. *De Império a Nação in Revista História da Biblioteca Nacional*. nº 24, setembro / 2007.
- SILVA, Tiago Cesar da. *A Maçonaria e a abolição da escravatura: O envolvimento maçônico no processo de libertação gradual dos escravos entre 1870 e 1888 no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 2009.
- SIMMEL, George. *O Segredo*. Traduzido por Simone Carneiro Maldonado, professora do Programa de Pós- Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. Texto digital. *Sociabilidade - um exemplo de sociologia pura ou formal*. In MORAES FILHO, Evaristo de. George Simmel: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983.
- VALZACCHI, Paulo. *O Diário de um Maçom*. São Paulo: Universo dos Livros, 2008.
- VIDAL, César. *Os maçons: a sociedade secreta mais influente da história*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BORDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil: 1998.
- CASTELLANI, José. *História do Grande Oriente do Brasil*. Brasília: Editora do Grande Oriente do Brasil, 1993.

O Mito



Templário-Maçom

Irmão Clodoaldo Henrique Filho

Loja Discípulos de Salomão, 392 – Oriente de Limeira

“Se oferecem ao um homem um fato que é contra os seus instintos, ele irá examiná-lo de perto e se a evidência não for claríssima, ele recusará a acreditar nele. Por outro lado, se lhe oferecem algo que propicia um motivo para agir de acordo com seus instintos, ele o aceitará mesmo com a mínima evidência. A origem do mito é explicado dessa forma.” (Bertrand Russel – 1872-1970)

A Maçonaria e seu mecanismo de ensinamento e aperfeiçoamento nos estimulam à pesquisa da verdade, alça o maçom a pensar, refletir, ousar e agir. Nesse contexto, nunca parecemos estar muito contentes, mesmo fazendo parte de uma organização que vem sobrevivendo por três séculos, estamos constantemente buscando provas de que a Arte Maçônica deve ter se originado de alguma fonte antiga, seja fazendo conexões entre a filosofia e os trabalhos da Maçonaria com os construtores egípcios, o mistério da Índia, dos gregos, essênios, hebraicos, cristãos, assim como o enredo bíblico de Reis e Crônicas, permeando pela astronomia, esoterismo, enfim, numa “salada de frutas”, fazendo o possível para criar a mais antiga linguagem concebível para a Instituição. Esse “pedigree”, forjado a partir de evidências imaginativas, muitas vezes, e com saltos da lógica, permitiu que alguns especuladores criassem muitas estórias, sugerindo que sua origem se deu na criação do mundo, fornecendo meios para que a Arte Real apareça em cada fase importante da história da Humanidade. Muitas dessas teorias não podem ser comprovadas e não têm muita confiabilidade, podendo ser imprecisas ou até falsas.

No início das nossas carreiras maçônicas, somos convocados a fazer um progresso diário no conhecimento maçônico, tarefa árdua, às vezes, além das orientações dos irmãos da loja, recorreremos à literatura especializada, mas não temos a capacidade de diferenciar o joio do trigo e podemos estudar em referências pouco confiáveis. E na empolgação, não conseguimos discernir uma história verdadeira.

Um dos temas que na minha modesta opinião

gera muita confusão é a história dos Cavaleiros Templários, muitas vezes levando ao paradoxo do “quem veio primeiro, o ovo ou a galinha?”, com relação à conexão da ordem medieval com a Maçonaria.

A ascensão e o crescimento da Maçonaria deram origem ao mito dos Cavaleiros Templários como parte da Maçonaria, ou o fim dos Cavaleiros Templários originais, com suas condutas e rituais, deu origem a Maçonaria?

Isso se desenvolveu devido ao “Chevalier da França”, Andrew Michael Ramsay, que era um nobre escocês, exilado na França com os Stuarts. Chegou a ser, por um curto período, tutor do príncipe Charles Edward Stuart. Ramsay havia sido iniciado na Maçonaria em 1730, através da Loja Horn, de Westminster, na mesma época da introdução do Grau de Mestre Maçom. Já por volta de 1737, na França, colaborando com o desenvolvimento da Maçonaria, Ramsay foi convidado a proferir um discurso a um grupo de iniciados quando de uma grande Iniciação. Esse discurso, mais conhecido como “Oração de Ramsay”, foi distribuído aos presentes naquela ocasião, sendo publicado em 1741.

Segue alguns trechos interessantes do discurso:

“Nossos ancestrais, os cruzados, reunidos de todas as partes da cristandade na Terra Santa, desejavam reunir em uma única Fraternidade os indivíduos de todas as nações...

Nossos fundadores não eram simples trabalhadores em pedra, nem curiosos gênios. Eles não eram apenas arquitetos qualificados, empenhados na construção de templos materiais, mas também religiosos e príncipes guerreiros que planejaram, edificaram e protegeram os templos do Altíssimo.

Rei Salomão escreveu em caracteres hieroglíficos nossos estatutos, nossas máximas e os nossos mistérios, e esse livro antigo é o código original da nossa Ordem. (...) Após a destruição do primeiro Templo (...), Zorobabel foi nomeado como Grão-Mestre da Loja de Jerusalém e instruiu o lançamento das bases do Segundo Templo, onde o misterioso livro de Salomão foi depositado. (...) Esse livro foi perdido (...) até o tempo das Cruzadas, quando uma parte dele foi redescoberta depois da rendição de Jerusalém.

Reis, príncipes e senhores retornaram da Palestina para suas próprias terras e ali estabeleceram diversas lojas (...) Nossos graus, nossas lojas e nossos ritos foram negligenciados na maioria dos lugares. (...) No entanto, foi preservado o seu esplendor entre os escoceses, a quem os reis da França confidenciaram durante muitos séculos a salvaguarda da sua família real.”

Em nenhum momento Ramsay menciona a Ordem do Templo, mas seu discurso foi a chama inicial da ideia de que a Maçonaria era a sucessora direta dos Templários. No entanto, lembremos que, historicamente, a França e o Reino Unido têm um passado altamente complexo e de grande rivalidade, como a conhecida Guerra dos Cem Anos (1337-1453), com a vitória francesa e a passagem épica de Joana D’Arc.

Dessa maneira, como a nobreza francesa poderia ingressar em uma nova instituição, mesmo que especulativa, descendente de pedreiros e artesãos, construtores de pontes e catedrais, oriunda de seu maior rival histórico, que foi derrotado numa guerra que durou cem anos, e de inimigos no passado que barbarizaram uma santa francesa?

A Maçonaria crescia, se popularizava entre intelectuais, apresentava um teor secreto e envolto em mistério, atraindo interesse da nobreza francesa. Após a Oração de Ramsay, foi popularizada a ideia de que os maçons eram descendentes dos cruzados e, portanto, a fraternidade era, na verdade, uma Ordem de Cavalaria, possibilitando agora que a nobreza da França e também de outros países como Alemanha, Itália, Suécia e Rússia aceitassem prontamente a marcha da Maçonaria pelo continente.

Na verdade, a Maçonaria Operativa e a Ordem do Templo realmente coexistiram e se relacionaram. Afinal de contas, a Ordem do Templo necessitou de maçons operativos para construir castelos, fortes e capelas, assim como também a Igreja Católica, a nobreza, a burguesia e qualquer instituição ou pessoa que precisava de que algo fosse edificado. Mas qualquer relação além dessa é lenda, sem nem sombra de vestígios.

O grande dilema da historiografia é que ela prioritariamente tem que se basear em documentos, senão alça voo até Andrômeda e cai-se na esfera do mito, mas tal constatação, também, é sua limitação metodológica. Assim, como se pode ver na senda dos Templários se a documentação começa a rarear antes de 1740 pela inexistência de arquivos? Para superar essa limitação, deve ser permitido evocar algumas hipóteses, para estabelecer avenidas de trabalho.

Historiadores, hoje em dia, estão cada vez mais convencidos de que os Altos Graus são contemporâneos aos inícios da Maçonaria Especulativa e estreitamente ligados aos alicerces da Ordem. Os elementos pelos quais nos tornamos conscientes levam-nos a pensar que a noção da Cavalaria é muito antiga na Maçonaria. Assim, essa referência simbólica, dentro da salada de frutas da Maçonaria, não seria impossível no final dos séculos XVI e XVII, e isso nos habilita a explicar sua forte presença. Se isso é um legado, uma imaginação ou semente que fora lançada em 1717, o aparecimento dos Graus de Cavalaria e Templários não pode ser o resultado de caprichos ou fantasias da história maçônica. A falta de material de arquivo, especialmente para tempos mais antigos, muitas vezes obriga o historiador a subestimar a intenção deliberada atrás da criação. Se, como todo fenômeno social, o espírito do tempo, coincidências e oportunidades de eventos têm um papel fundamental, certos elementos estruturais da Ordem parecem demonstrar sinais de um planejamento deliberado. Parece que a Cavalaria Maçônica cai dentro dessa categoria. Pode não ter sido uma invenção de Chevalier Ramsay nem de outros injetar o sopro da cavalaria no ritual maçônico. É de fato uma peculiaridade de nossa cultura propor um modo de vida que unisse espiritualidade e pragmatismo para a sociedade. Acima e além das contingências das eras sucessivas, essa estranha aliança permanece como uma trilha para o homem assumir seu destino.

Somente com mais pesquisas poderemos levantar um pouco mais o véu que cobre esse mito maçônico que ultrapassa os últimos séculos! Mas, certamente, sejam quais foram as intenções (históricas, verídicas ou imaginárias), o fato é que resultaram no progresso da Maçonaria do ponto de vista didático e de adeptos, solidificaram os Graus Superiores e inseriram Graus Templários e Cavalheirescos em vários Ritos Maçônicos. ◆

Referências Bibliográficas e Fontes de Inspiração

- CARVALHO, Willian Almeida. *Ascensão e queda da Maçonaria no Mundo*. Editora Madras (2020).
DA CAMINNO, Rizzardo. *Dicionário Maçônico*. Editora Madras (2010).
DAFOE, Sthefen. *O Compasso e a Cruz*. Editora Madras (2017).
ISMAL, Kennyo. *Maçonaria e Templários*. In Site no Esquadro (Acesso em 01/07/2011).
MAXCENCE, Jean Luc. *Jung – A Aurora da Maçonaria*. Editora Madras (2010).
SANTIAGO, Marcos. *Temas de Reflexão para o Mestre Maçom*. Editora Trolha (1993).

O HOMEM VOADOR DE AVICENA

A SEPARAÇÃO DA MATÉRIA E DA CONSCIÊNCIA

Irmão Sérgio Ferreira Barbosa

Loja 1º de Janeiro, 113

Oriente de São Paulo

Ibn Sina, ou Avicena, foi um médico, filósofo, cientista, astrônomo e polímata persa, reconhecido por muitos como o pai da medicina moderna. Suas obras incluem escritos sobre filosofia, astronomia, alquimia, geografia, psicologia, teologia islâmica, lógica, matemática e física, além de poesia. Também é considerado como o mais famoso e influente polímata da era de ouro islâmica.

Na metafísica de Avicena, Deus é um ser necessário. Fazendo ele uma separação clara entre a existência e a essência das coisas. Contra-argumentando que forma e matéria não podem interagir sozinhas.

Avicena tinha a pretensão de provar, com o argumento do estudo feito por ele, intitulado *Homem Voador*, que a mente, ou alma, seria distinta e separada do corpo. Ou seja, a alma permanece mesmo quando o corpo morre. Esse argumento antecipou o exemplo de Descartes (Penso, logo existo) sobre a possibilidade de separação entre corpo e alma e a identificação do “eu” apenas com esta última. Em outras palavras, nossa existência *post mortem* é garantida pela consciência.

Passagens do estudo *Homem Voador*

Avicena nos convidou a imaginar o seguinte cenário. Suponha que eu tenha acabado de começar a existir, mas tenho toda a minha inteligência normal. Suponha também que estou com os olhos vendados e que flutuo no ar, com meus membros separados um dos outros, de modo que não posso tocar em nada. Suponha que estou completamente sem qualquer sensação. Apesar de tudo, tenho certeza

de que eu existo.

Mas o que é o “eu” e quem sou eu? Ele não pode ser qualquer parte do meu corpo, porque não sei se eu tenho mais. O “eu” que afirmou como existente não tem comprimento, largura ou profundidade. Não tem extensão ou atributos físicos.

Conclui-se que o “eu humano” – o que sou – é distinto do meu corpo ou de qualquer coisa física.

Avicena assegura que a mente, portanto, não pode ser de modo algum como o corpo, ou como parte do corpo. Concluindo então Avicena que a mente não é destruída quando o corpo morre, sendo a mente algo imortal.

Também no campo espiritual, Avicena dizia que “A conversa secreta é um encontro direto entre Deus e a alma, abstraída de todas as restrições materiais”. Em uma alusão clara da separação espírito e matéria.

Acredito que assim pensava Avicena:

O eu pensante é a nossa consciência imortal, que poderia habitar em qualquer corpo. Esse pensamento rompe com os teólogos islâmicos daquela época, que acreditavam na ressurreição e que corpo e consciência seriam indissociáveis. Se isso fosse possível, imagine ter a mente de um Nicola Tesla conosco, eliminando assim as limitações de um corpo. Quanto não evoluiríamos? A ciência não seria barrada, pelo lapso temporal pós-morte.

Concluindo, segundo Avicena, nossa mente continua viva após o colapso de nosso corpo. Só resta saber por onde anda as consciências daqueles que se foram. ◆

As Colunas J e B



Irmão Nelson Gonçalves
Loja Aprendiz do III Milênio, 529
Oriente de São José do Rio Preto

Muitos irmãos quando entram num templo maçônico ficam intrigados com as letras J e B nas colunas posicionadas logo na entrada, próximas ao pavimento mosaico. Essas letras não se tratam, como muitos já pensaram, das iniciais de José Bonifácio, como homenagem a esse maçom, que foi o primeiro Grão-Mestre da Maçonaria brasileira e levou a fama de ter sido o Patriarca da Independência, se apropriando indevidamente do trabalho iniciado pelo também maçom Joaquim Gonçalves Ledo. Mas isso é uma outra longa história que merece ser contada em um artigo separado.

Mas vamos ao que interessa e tentar explicar ao leitor o significado dessas letras nas colunas presentes na entrada de todos os templos maçônicos. “B”, de Booz; e “J”, de Jaquim; são os nomes das duas colunas que o rei Salomão mandou fundir, em bronze e em mármore, para servir de pórtico para a entrada do templo. A Maçonaria optou por colocar apenas as iniciais desses nomes nas colunas, sendo que a de Booz, no Rito Escocês Antigo e Aceito, fica à esquerda de quem adentra o templo.

Booz deriva de Boaz, que foi pai de Obed, que por sua vez gerou Jessé, que foi pai de Davi. Então, Boaz era avô de Davi e tataravô do rei Salomão, que estabeleceu o reinado de Israel e construiu o primeiro grande templo dedicado a Deus.

Jaquim é um nome do alfabeto semítico que significa cofre, esconderijo, receptáculo. Sabe-se pelas escrituras e por meio de muitos livros sagrados, como os escritos deixados pelo profeta Jeremias, que os antigos povos do vale do Rio Jordão costumavam construir essas colunas, que eram ocas, para guardar joias valiosas e documentos importantes.



As colunas Jaquim e Booz no templo do rei Salomão tinham 18 côvados de altura (cerca de 9 metros), significando sete vezes a altura de um homem, além de 12 côvados de circunferência e de base. O côvado é uma antiga medida, muito usada por diversos povos antigos, que é a distância entre o cotovelo e o dedo médio de um homem. Os números eram iguais ao das constelações e dos signos do zodíaco conhecidos naquela época.

Em cima das duas colunas estavam capitéis de cinco côvados cada (2,5 metros), com romãs, medalhas e correntes de ouro usadas para ornamentação. A romã era uma fruta que tinha, entre os povos antigos, um alto valor simbólico. Representava, com seus gomos e sementes grudadas umas às outras a união dos irmãos. Também significava a fertilidade masculina com as suas várias sementes. As milhares de sementes contidas no mesmo fruto, num mesmo gome, numa mesma substância, num mesmo invólucro, significa a imagem da Maçonaria, que por mais multiplicada que seja, continua sendo uma mesma família.

Diz a lenda que essas colunas fulminaram labaredas de fogo, impedindo que egípcios atacassem o templo. Dizem os antigos que uma das colunas fora feita em bronze fundido para que não se afundasse nas águas e outra feita em mármore para que o fogo não a devorasse.

O globo terrestre em cima de uma das colunas, segundo estudiosos do assunto, representa o poder de Deus sobre a Terra. Alguns templos costumam colocar um globo celeste, representando o céu, ou joias, medalhas, moedas e o córneo da fortuna com ramos de trigo, simbolizando a fartura. Em alguns templos, em cima das colunas, também estão taças, o que faz alguns teóricos defenderem a ideia de que eram vasos com grandes tochas de fogo para que o templo pudesse ser visto o mais longe possível.

Existem na Bíblia diversas citações sobre as colunas no templo. Era comum à época serem erigidos colunas e obeliscos para se louvar os deuses e destes tentar angariar favores. O Sol, pelo seu simbolismo ou analogias físicas, representava o nascer, o clarear do dia, da jornada. Diversos foram os povos que tornaram o Sol como sua principal divindade.

Segundo Eleutério Nicolau da Conceição, irmão estudioso da Bíblia e de assuntos maçônicos, o globo terrestre em cima de uma das colunas é uma interpretação equivocada do texto bíblico. Lá, os “glo-

bos” são a base de capitéis na forma de lírios. Na época de Salomão, muitos nem imaginavam que o planeta fosse redondo. “Ninguém consegue fazer as colunas seguindo o que diz o texto bíblico”, assegura Eleutério. O que pode ter acontecido, certamente, foi que algum irmão, em alguma loja, resolveu colocar esses globos em cima dos capitéis. E como nada se cria, tudo se copia, acharam bonito e passou-se a reproduzir a ideia.

O fato é que, ao que tudo indica, segundo o escritor Kenno Ismail, as duas colunas não tinham a finalidade de sustentação, mas de ornamentação. Além de objetos decorativos, as duas colunas eram consideradas também como objetos sagrados.

Apesar das divergências de traduções do livro sagrado e dos rituais das Potências Maçônicas há, no entanto, certo consenso de que as duas colunas maçônicas devem estar próximas uma da outra e na porta de entrada do templo.

O ritual de 1874 do Grande Oriente do Brasil, na descrição do ornato do templo, trazia a informação de que “no ocidente estarão duas colunas de bronze, de ordem coríntia, em cujos capiteis haverá três romãs entreabertas, no fuste das mesmas estarão gravadas as letras J na da direita e a letra B na da esquerda”. Similarmente, a primeira edição do ritual de Mário Behring para o REAA, publicado em 1928, faz menção às duas colunas encimadas por capitéis com sete ordens de malhas entrelaçadas por romãs.

As colunas J e B não são salomônicas, mas maçônicas, ou seja, são representações maçônicas daquelas do primeiro templo. E, segundo Kenno Ismail, quando da construção ou reforma de um templo maçônico, o lugar adequado para consultar os seus adornos é o ritual e não a Bíblia. Não há dúvidas de que existem diferenças nos rituais e de interpretação sobre os adornos. As misturas de esferas, romãs, taças e até cornucópias são detalhes secundários, devendo sempre ser feito de forma equilibrada e com tolerância. ◆

Bibliografia (artigos):

- *Sentido figurado das colunas*, de Francisco Nascimento;
- *As colunas do templo de Salomão*, de Armando Fillipi Cravo;
- *O Significado das Colunas do templo*, de Jaime Bergamim;
- *Atravessando as colunas*, de Kenno Ismail;
- *As colunas Boaz e Jakin*, de Fernando Guilherme Neves Gueiros;
- *The Temples of The Jews*, de James Fergusson (1978);
- *The Interpreter's Dictionary of The Bible*, de W. F. Stniesspring (1962);
- *The Temple of Solomon*, de Joseph Young.



EQUINÓCIO DE OUTONO: INÍCIO DA VERDADEIRA LUZ

Irmão Paulo A. D. Silva
Loja Penha de França, 393
Oriente de São Paulo

Duas vezes por ano, o dia tem em igualdade 12 horas de escuridão e 12 horas de luz, daí o significado da palavra “Equinócio”, do latim, *aequus* (igual) e *nox* (noite). Vislumbra-se, nos dias de equinócio, os raios solares na mesma medida que as trevas da noite. Na alvorada desse dia, o Sol aparece para fazer divisão entre a escuridão e a luz com equidade (do latim, *aequitas*).

Os povos antigos já faziam uso do Sol, da Lua e das estrelas para conhecerem as divisões do tempo em anos, meses e estações. Acreditavam serem mágicos os dias de equinócios e solstícios, em virtude das transformações que traziam para a natureza, essenciais para o cultivo de seus alimentos, tanto que festejavam a sega e a colheita. Vide a importância das fases lunares para a agricultura: plantios, podas e colheitas.

Assim, muitas crenças surgiram e deram origem a religiões e seitas, realizavam rituais e os tinham com grande significado esotérico e místico. Acreditavam que nessas datas ocorriam mudanças nos ciclos da natureza, trazendo as bênçãos divinas. Nesses dias considerados mágicos, renovavam suas esperanças na realização dos seus anseios e desejos, acreditando no equilíbrio que tais rituais traziam para suas vidas.

Na tradição de alguns povos, no equinócio de outono, inicia-se o Ano Novo, mais precisamente no dia 21 de março. Inicia-se também o Ano Novo Astrológico, quando o Sol entra em Áries, primeiro signo zodiacal. Inicia-se também um novo ciclo para a cultura maçônica. Já ouviu falar do início da Era da Verdadeira Luz (VL), época em que se começa a contar a era maçônica? Define-se a data da VL somando-se


4.000 aos anos da Era Vulgar (EV), que são os anos do Calendário Gregoriano que usamos no dia a dia. Alguns irmãos, na elaboração das atas e pranchas, têm o costume de fazer constar a data da EV e, ainda, como tradição, a data da VL. Exemplo: 21 de março de 2022 da EV e 6022 da VL.

Equinócio (*aequusnox*) quer dizer “noite igual”, e, assim, temos que a noite é igual ao dia. Lembra-nos que há relação entre as trevas e a luz; que viemos das trevas para a luz; que quando a luz chega, dissipa as trevas. E, na luz, passamos a caminhar por sobre um pavimento mosaico e que, a cada transição entre trevas e luz, significa restauração de forças, renovação da nossa essência e damos passos adiante em nossa caminhada da vida.

Extraem-se dos fenômenos da natureza relevantes ensinamentos esotéricos. Muitos escritores tratam do assunto e trazem preciosas percepções sobre as inter-relações e influência dos corpos celestes sobre a vida em geral. Lembremos que trabalhamos sob a Abóboda Celeste. Insto a que demos mais valor aos equinócios e aos solstícios, que busquemos aprimorar conhecimento tão essencial para a nossa caminhada da vida e na busca da Verdadeira Luz.

Que busquemos o mais profundo significado em cada raio de luz. Que esses raios iluminem nossa alma a fim de que possamos, por preceitos, palavras e exemplos, ser instrumentos que promovam a paz, o equilíbrio, a libertação de consciência e tornemo-nos obreiros para a transformação social com um único objetivo: o de tornar mais feliz a humanidade.

Que se faça a luz em lugar das trevas! ◆



O REINO DE DEUS
NÃO É AQUI NEM LÁ,
ESTÁ DENTRO DE NÓS

Irmão Marco Aurélio de Mattos Carvalho
Loja União do Vale, 214 – Oriente de São José dos Campos

Certa vez, tendo sido interrogado pelos fariseus sobre quando viria o Reino de Deus, Jesus respondeu: “O Reino de Deus não vem de modo visível, nem se dirá: ‘Aqui está ele’, ou ‘Lá está’; porque o Reino de Deus está entre vocês” (Lucas 17:20-21).

Poderia iniciar minha reflexão pelo que consta no Evangelho de Lucas e suas muitas interpretações do ponto de vista das diversas religiões cristãs. Contudo, preferi partir da obra de Leon Tolstói intitulada *O Reino de Deus está em vós*.

Essa obra, muito pouco conhecida dentre nós ocidentais, foi escrita e publicada por Tolstói na Alemanha, em 1894, depois de ser banido da Rússia, sua terra natal.

Tolstói parte do Capítulo 17, versículos 20 e 21, do Evangelho de Lucas, para fazer uma literal interpretação do Cristianismo. Cansado de seus mundanos êxitos literários, ele já havia publicado *Guerra e Paz*, em 1868; e *Ana Karenina*, em 1875 – romances que o fizeram, ainda em vida, mundialmente famoso.

Tolstói parte em busca da fé viva. Primeiro, entabula debates com os filósofos do tempo, e nada. Depois, frequenta os teólogos. Estes também não lhe deram a luz desejada. Finalmente, mete-se no meio do povo pobre. Aí se dá conta do que é, na verdade, a fé para aquela gente. Percebe que para os pobres a fé não é assunto de conversas inconsequentes, mas uma questão vital: “Só a fé lhes dava possibilidade de viver”. É isso que provoca sua conversão.

O que Tolstói sustenta em todo o livro é a validade social do preceito de Cristo no Sermão da Montanha: “Não resistais ao mal” (Mt 5:39).

A frase que pode ser interpretada de forma ambígua é defendida por Tolstói como: não respondais à violência com violência.

O escritor russo não aceitou repelir violência com violência, pois para ele a violência jamais pode ser legitimada apelando para o direito de “legítima defesa”.

Para Tolstói, a violência é sempre um mal, e não se pode responder ao mal com o mal, pensamento que vale tanto para o cristão como para um cidadão qualquer.

Por outro lado, para Tolstói, não se trata de permanecer passivo frente ao mal ou à violência, mas de responder à ela pela não violência, com bondade, mansidão e caridade.

Efetivamente, o sentido de não resistir no Evangelho e no Novo Testamento, em geral, não é não fazer nada, mas não revidar, não contra-atacar, não retaliar, enfim, não se vangloriar. Assim, o que Tolstói rechaça é a lei do talião, é o pagar na mesma moeda, é o “olho por olho, dente por dente”.

Tolstói leva extremamente a sério o preceito evangélico da não violência. Levanta-se contra os que acreditam que o pedido de Cristo de “não resistência ao mal” é algo de inexecutável, especialmente do ponto de vista social; ou que é um piedoso exagero, carregado apenas de um valor simbólico. Não, para Tolstói, os preceitos do Sermão da Montanha, no caso a não violência, são realmente imperativos.

Para ele, não se trata de leis morais ou regras jurídicas fixas que devam ser aplicadas automaticamente, mas demonstrações de um ideal, apelos éticos, “via de perfeição infinita”, como ele diz.

Para o autor russo, os preceitos são exigências morais absolutas que têm a força de colocar em movimento a relatividade do agir humano concreto. Tais preceitos têm um caráter que aproxima da perfeição divina, sem nunca chegar a atingi-la. Mas movem poderosamente a vontade naquela direção. Põem a vontade no caminho do divino. Segundo ele, tais preceitos não pertencem à esfera exclusiva da religião ou da fé cristã. Tais preceitos traduzem o dinamismo mais profundo do espírito humano. Manifesta a essência da alma humana, cuja lei básica é a “lei do amor”. Mexem com o divino que está dentro de cada pessoa humana. Por isso, escolheu como título do livro a frase de Jesus: “O Reino de Deus está em vós” (Lc 17:21). Por isso, essa doutrina vale para cada um e para toda sociedade. A não violência não diz respeito apenas ao cristão, mas sim à toda a pessoa em geral. É, portanto, uma lei que deve animar e governar toda sociedade humana digna deste nome.

Para representar o caráter singular dos radicais preceitos evangélicos, Tolstói usa a bela comparação do barqueiro que, para chegar à outra margem de um rio rápido, não pode se dirigir em linha reta, mas deve remar contra a corrente.

A não violência de Tolstói se exprime na não cooperação, na desobediência civil e, particularmente, no repúdio ativo à toda a subserviência. Tolstói sabe que o poder se alimenta da aceitação e do consenso. Pior, se alimenta da obediência cega e da submissão.

Contrapondo-se à obediência cega e à submissão, Tolstói apresenta uma ética radicalmente libertária. Para ele, a liberdade é um atributo inalienável e definidor do ser humano. Por isso, entre as frases que pôs no frontispício do livro, lemos essa de São Paulo: “Não vos torneis servos dos homens” (1 Cor 7:23).

Tolstói não acredita nos efeitos libertadores de

uma revolução violenta, mesmo de tipo popular. Considera-a, em primeiro lugar, politicamente inviável, levando-se em conta a complexidade e a potência do Estado moderno. Em segundo lugar, tem-na por ineficaz, pois instauraria necessariamente uma opressão mais cruel que a anterior. Por isso, ele se levanta contra os socialistas, comunistas e anarquistas de seu tempo por pretenderem mudar a sociedade sem mudar primeiro a si próprios. Ataca também a concepção totalitária do Estado, segundo a qual a própria vida familiar e privada ficaria sob a vigilância da polícia estatal, vida essa que o sistema liberal vigente tinha pelo menos respeitado. Foi, na verdade, o que se verificou no regime de Goulag. Como se vê, Tolstói não era apenas certo em suas percepções analíticas, mas também em suas intuições proféticas.

Seja como for, parece que a história está dando razão a Tolstói: o princípio ético da não violência está se impondo cada vez mais em nossos dias, pois a violência se mostra cada vez mais ineficaz para resolver os conflitos sociais, tanto no interno das nações, como nas relações internacionais.

Mas, e para a Maçonaria, que se declara como não sendo uma religião, qual seria o significado da frase de Jesus: “O Reino de Deus está dentro de nós”?

Antes de prosseguir, vamos analisar as escrituras ou, como comumente nos referimos, vamos analisar o Livro da Lei.

Em Isaías 66: 1-2, temos:

“Assim diz o Senhor: O céu é o meu trono, e a terra o escabelo dos meus pés; que casa me edificaríeis vós? E qual seria o lugar do meu descanso? Porque a minha mão fez todas estas coisas, e assim todas elas foram feitas, diz o Senhor; mas para esse olharei, para o pobre e abatido de espírito, e que treme da minha palavra.”

E em Atos 7:48-49 temos:

“Mas o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens, como diz o profeta: O céu é o meu trono, e a terra o estrado dos meus pés. Que casa me edificareis? diz o Senhor, Ou qual é o lugar do meu repouso?”

Pois bem, apesar de serem parte de nossa doutrina os acontecimentos ligados à construção do templo por Salomão e a reconstrução dele por Zorobabel, não há registro nas escrituras de que o Grande Arquiteto do Universo tenha pedido para Moisés que fosse construído um templo feito por mãos humanas, pois sua morada é o universo infinito e o que é maior que o infinito não caberia num espaço físico limitado.

É certo que o “Templo Material” serviu por algum tempo aos homens para que pudessem realizar a comunhão espiritual com as leis divinas, escritas nas tábuas de pedra que ficavam guardadas na Arca da Aliança, no Santo dos Santos, no interior do Templo.

O Senhor disse a Davi que qualquer templo construído seria destruído, mas que um filho da linhagem de Davi ergueria um templo que seria eterno. Por certo, o Senhor se referia a Jesus Cristo, não a Salomão que se casou com muitas mulheres de outras descendências e acabou por se dedicar a outros deuses, como Astarote (dos Sidônios) e Milcom (dos Amonitas).

Uma nova aliança foi feita e as leis foram colocadas em nossos corações (Heb 10:16), pois, para os orientais, o coração é a sede da consciência, que possui duas partes: os átrios direito e esquerdo. Para os ocidentais, a sede da consciência é o cérebro, que também é dividido em duas partes: hemisférios direito e esquerdo.

Em Coríntios 3:16-17, temos:

“Vocês não sabem que são santuários de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês? Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; pois o santuário de Deus, que são vocês, é sagrado.”

Portanto, quando a doutrina maçônica diz para edificarmos o Templo Interior, está nos ensinando que nós somos o templo que abriga o Grande Arquiteto do Universo, que nós somos o templo eterno, que não será destruído.

Temos de despertar para o fato de que, como filhos de Deus, criados à sua imagem e semelhança como ensinam as escrituras, a essência da alma humana é o amor, porque Deus é amor e Deus está em nós. Mas para sermos dignos de dar morada ao Altíssimo, temos de nos esforçar para sermos melhores em nossas ações e também em nossos pensamentos. Esse é o nosso aprendizado, cuja pedra angular é o amor.

Não devemos combater o mal com o mal, mas com tolerância, fraternidade, igualdade e amor, ou seja, devemos abandonar o estilo de vida egocêntrico, para nos dedicarmos a um estilo de vida altruísta.

Não podemos, sob pena de hipocrisia, falar em Liberdade, Fraternidade e Igualdade sem vivenciá-las. Temos de sair da retórica e praticar aquilo que estudamos e aprendemos.

Concluindo, como, maçons, nós devemos buscar a todo custo praticar as virtudes que estudamos e exaltamos, desvencilhando-nos dessa vida material que a sociedade nos impõe, pois nada pode destruir a certeza de uma verdade simples e clara: nenhuma condição material, nenhum bem, nenhum dinheiro, pode garantir nossa vida!

Podemos colaborar para o estabelecimento da maior união entre os seres vivos, mas, para que isso seja possível, devemos, em primeiro lugar, estabelecer o Reino de Deus dentro de cada um de nós! ◆

Bibliografia

NEVES, Pedro; NEVES, Péricles. *Maçonaria - 128 - O Templo Interior*. In <https://bit.ly/3OqUkMx>
TOLSTÓI, Leon. *O Reino de Deus está em vós*. 2ª edição. Editora Rosados Tempos.

A EXISTÊNCIA DO GRANDE ARQUITETO DO UNIVERSO

Irmão Antonio Carlos G. Fernandes

Loja Cavaleiros do Alto Tietê, 439

Oriente de Mogi das Cruzes

*Quando sua mente está mais pura
é quando Deus mais se manifesta!*

Quantos de nossos semelhantes se recusam a crer na existência de Deus, unicamente porque pensam que, se Ele existisse, as guerras, a fome, as epidemias, as doenças e tudo que contribui para a sua desgraça e sofrimento não existiria! A isso, o próprio Grande Arquiteto do Universo responde que Ele não é o responsável pela insensatez dos homens nem pela a sua falta de sabedoria. Se Ele

não existisse, o homem também não existiria, pois foi concebido no pensamento divino, e esse pensamento se reflete no homem. É por isso que o homem é a imagem do Grande Arquiteto do Universo.

Mas por causa de sua imperfeição momentânea e de uma errônea aplicação de seu livre-arbítrio, o homem se recusa a viver nEle e com Ele, ou não sabe como expressá-Lo no que pensa e faz. Se o homem

desviasse o seu olhar das coisas que alimentam as fraquezas de seu ego, os olhos de sua alma se abriam para o mundo espiritual, pois ele só está afastado desse mundo pela espessura de um véu – o da ignorância –, que o impede de ver a Luz, a não ser através da opacidade de sua própria mente.

Todos aqueles que duvidam da existência do Grande Arquiteto do Universo, levantem os olhos para o céu estrelado; contemplem o Sol quando surge e depois desaparece no horizonte; admirem a flor saudando o orvalho da manhã, enfim, que fechem os olhos e escutem o que lhe diz o silêncio. Se assim o fizerem, compreenderão à sua volta a presença, a beleza e a inteligência de uma Oniciência Transcendental.

Embora não tenham disso consciência ou recusem as evidências, os homens que rejeitam a ideia da existência do Grande Arquiteto do Universo assim o fazem porque o conceito de Deus que possuem é falso, considerando que em todo tempo e lugar Ele deveria ser amor, misericórdia e bondade. Na realidade, Ele o é no absoluto, mas os homens, em sua loucura e ignorância, manifestam o que Ele não é e tornam-se agentes do ódio, da vingança e da maldade. Quem é então responsável pela miséria e sofrimento dos seres humanos: o Grande Arquiteto do Universo, que busca refletir Sua absoluta perfeição por intermédio dos homens, ou os homens, que refletem mal a absoluta perfeição de Deus?

Ignorantes que são de sua natureza e origem divinas, os homens temem o fim do mundo, assim como duvidam do fim de sua própria existência. Contudo, o mundo não pode acabar, porque contém tudo que Deus criou no Universo. No plano do invisível e do infinito, não há espaço, nem tempo, nem término, pois toda a criação é regida pela eternidade, e a eternidade não tem começo nem fim! O próprio homem, desde a sua concepção no seio da divindade, é imortal em sua essência. Era após era, ele segue os ciclos de seu destino espiritual e se aproxima, gra-

dualmente, do Paraíso Celeste, ou seja, da Jerusalém Celeste que todos buscamos. Assim, pois, a alma humana é a imagem da alma universal, e a alma universal é a imagem do Grande Arquiteto do Universo, pois a evolução do mundo é eterna, e nenhum fim, de quaisquer mundos que sejam, poderá detê-la.

Desde que o mundo é mundo, a alma universal é idêntica a si mesma, pois emanou do próprio Deus e existia antes mesmo que o mundo fosse feito. A alma humana procede dessa alma universal, mas não o sabe ou esqueceu a sua origem... Ao descer para a matéria, ela se encarna em corpos (búdico, astral, mental...) cada vez mais densos e perde, progressivamente, a lembrança de sua origem divina. Essa é a condição para que evolua para a perfeição de sua própria natureza e se reintegre em plena consciência à Fonte Divina de onde emanou.

Existe uma forte corrente de Adeptos, inclusive como testemunham as mais antigas escrituras, e a humanidade foi visitada no passado por homens-deuses vindos de um mundo mais avançado que ela naquele tempo. Em diversos continentes, esses homens-deuses se misturaram aos terráqueos e geraram raças dominantes da espécie humana atual. A propósito disso, surgiu o mito da Torre de Babel, que simboliza as origens extraterrestres de uma parte da humanidade. Construída entre o Céu e a Terra, ela também representa a busca do absoluto. Para auxiliar o homem nessa busca, o Grande Arquiteto do Universo colocou Sua própria Luz no centro dessa torre, para que ela fosse sempre a guia na senda do retorno. Mas como a torre abrange 12 andares, e cada andar possui 12 janelas, existem 144 posições que permitem contemplar essa Luz. É por isso que os caminhos que levam ao Grande Arquiteto do Universo são múltiplos em aparência, porque levam ao mesmo estado de perfeição, o estado do verdadeiro Mestre Maçom, cuja busca pela palavra perdida, objetivo último de nossa própria busca, está no estado mais evoluído da nossa pedra, a nossa Pedra Polida Filosofal. ◆

A EVOLUÇÃO DO MAÇOM E DA MAÇONARIA

Irmão Eduardo Alves Coelho

Loja Nivaldo Rodolpho, 743

Oriente de Marília

“O nascimento não é um ato; é um processo. A meta da vida é nascer plenamente, embora sua tragédia consista em que a maioria dos homens morre antes de ter nascido assim.”

(Eric Fromm)

A abordagem do tema exige uma exata definição do tipo de evolução que desejamos desenvolver. Não vamos tratar, pois, da evolução filogenética do homem, ou seja, como se desenvolveu nossa espécie, partindo do último primata conhecido até o advento do *homo sapiens*, assunto fartamente estudado pela antropologia. Tampouco abordaremos a evolução psicológica do ser (a cargo de psicólogos e psicoterapeutas, incluindo Piaget, Freud e Jung). Passaremos, então, a discorrer sobre a evolução do homem no seu aspecto ontogenético, isto é, da evolução do ser humano no mundo, ou seja, o homem como observador de si mesmo, assim como seu desenvolvimento existencial e social em sua história de vida.

O Homem nunca é um evento completo: é sempre a somatória de acontecimentos passados e presentes, sempre um processo que se encaminha para o futuro e que, em grande parte, determina o seu presente pelo futuro desejado ou percebido.

A idealização do homem e da sociedade em geral já foi objeto na história de diversas correntes filosóficas, a contar dos pré-socráticos, onde se destaca a figura de Pitágoras, bem conhecido da Maçonaria, passando por Sócrates (“O conhecimento desenvolve o sentido do bem no homem e o afasta do mal...”); e Platão, quando aborda o mundo das ideias perfeitas (onde todas as coisas nossas conhecidas nada mais são do que cópias imperfeitas das existentes no Cosmos, onde reina o justo e perfeito, em contraposição ao caos reinante na Terra).

Posteriormente, bem mais recentemente, destacaram-se os Iluministas (Voltaire, Rousseau, Montesquieu e Diderot, entre outros), libertando os homens das trevas e combatendo as superstições, as crenças extravagantes, a tirania, os excessos das instituições religiosas, enfim, trazendo

mais luz para a humanidade. Neste trabalho, vamos expor as ideias de Soren Aabye Kierkegaard, filósofo dinamarquês que viveu e escreveu na primeira metade do século XIX, considerado o primeiro existencialista da história.

Indivíduo extremamente religioso, Kierkegaard, filho de homem muito rico, era, porém, na juventude, um *bon vivant*, aproveitando tudo que o dinheiro poderia proporcionar a um jovem dinamarquês daquela época, dado a bebidas, jogos e mulheres. Apesar disso, ingressou na universidade e passou a estudar filosofia. Deu-se em algum momento uma importante e brusca transformação em sua vida. Abandonou a vida mundana e passou a ler muito, escrever e refletir sobre a religião (luteranismo), atentando para o imenso abismo que, segundo ele, separava o verdadeiro cristianismo do que era vivido em sua comunidade e no mundo em geral, transformando-se em severo crítico do líder religioso de sua cidade, a quem considerava um verdadeiro hipócrita e que exercia um papel meramente burocrático na condução de sua comunidade religiosa, da qual se afastou, passando a combater todos os seus seguidores. Para ele, a fé não era algo a ser lembrada no púlpito das igrejas aos domingos, mas verdadeira e intensamente vivida em todos os dias e todos os instantes.

Na filosofia, combateu o materialismo histórico e dialético de Hegel, muito em voga e admirado naquela época na Europa, por desprezar o único objeto digno da filosofia, ou seja, o próprio homem, em sua subjetividade e totalidade, sua verdade e seus sofrimentos. Achava que Hegel tirava do homem a responsabilidade de suas escolhas, explicando todas as atitudes humanas como resultantes das transformações e movimentos históricos e sociais a que levava o materialismo dialético, o que constituiu um dos pilares do marxismo,



posteriormente. Refutava o determinismo vigente nessa filosofia e fundava, sem assim denominar até então, o existencialismo. O geral e objetivo cedia lugar ao individual e subjetivo.

Desenvolveu a trajetória do homem em três estágios, sobre os quais vamos discorrer:

1º) Estágio estético (sensações e emoções do indivíduo, derivado do grego *Ayesthesis*): Lembremos ou imaginemos, por um momento, da nossa história, desde a mais tenra infância. Se tínhamos fome, chorávamos e éramos logo satisfeitos. Nossas lembranças dessa época costumam ser raras e seletivas, permeadas, em sua maioria, por uma sucessão de fugazes momentos de prazer. Com o tempo, os pazes mais intensos nem sempre eram aprovados pelos mais velhos (alguns secretos). Crescemos num turbilhão de amores e favores gratuitos. Éramos amados, sem dar nada em troca (amor egoísta). O que chamávamos de amor era, na maioria das vezes, pura necessidade emocional do outro ser ou insegurança, busca de sobrevivência. Na maioria das vezes, aprendíamos a suportar algumas frustrações e tomar ciência de certas obrigações. Éramos onipotentes e dávamos conta de tudo. E tudo mais para a frente era uma sucessão de uma infinita busca de sensações prazerosas: amigos, futebol, outras diversões, a descoberta do sexo e namoradas. Já adquiriríamos alguns valores (culturais, sociais, morais e religiosos). Mas o nosso egocentrismo dominava, de alguma forma. A passagem desse estágio para o segundo nunca é repentina. Em algumas pessoas, tal passagem pode não ocorrer. A prospecção do futuro é curta. Prevalecem questões como “o que vai pintar no próximo final de semana?” ou “quando vou conseguir comprar o modelo de carro que quero?”. A vaidade ou os cuidados com a autoimagem são preocupações preponderantes. Tem-se todo o tempo da vida para o resto. Tudo isso é capaz de conviver com uma relativa noção apreendida de comportamento social aceito pelos demais. Questiona-se os valores e opiniões dos pais, sejam sociais, políticas e religiosas. A tal estágio, de duração variável, seguem-se os demais.

2º) Estágio ético: aos poucos nossos interesses essenciais vão mudando. Começa a busca pela profissão e sucesso social e profissional, além do reconhecimento dos demais e da sociedade em geral nessa área. A preocupação com o ganho material necessário prevalece, assim como a formação da família e

seu sustento. Os compromissos sociais tornam-se múltiplos e obrigatórios. A aparência torna-se, muitas vezes, mais sóbria. Observa-se a aceitação (não submissão) dos valores mais tradicionais, sociais e religiosos de sua comunidade. Na vida ética, o homem se escolhe. Escolhe realizar suas possibilidades. O ético é aquele que reconhece o aspecto transitório e evanescente do real. O ético é aquele que quer livremente o que quer e que consegue conciliar sua vontade com a vida social sob a forma do dever. Tal postura leva a uma aceitação e admiração dos seus pares e da sociedade em geral nesses aspectos. A competição, por sua vez, é quase inevitável, e o pragmatismo é a regra. A experiência do amor, entretanto, é mais sentida e compartilhada, pela mulher, filhos e familiares em geral. As amizades verdadeiras se solidificam. A responsabilidade se impõe. Ao contrário da postura no estágio anterior, no ético se vivencia a inversão de papéis, isto é, o indivíduo passa a pensar e avaliar não apenas seus interesses nas relações, mas também os interesses do outro. Sai do particular (egoísmo) e engaja-se no geral (altruísmo). Não há mais lugar para extravagâncias. A prospecção do futuro alonga-se. É necessário planejar para meses e anos. A busca do prazer é mais compartilhada. A inquietude e inconseqüências do estágio anterior abrandam-se. No estágio ético, o indivíduo não se torna outro, mas torna-se ele mesmo, pois se há grandeza moral, não consiste em ser isso ou aquilo e, sim, em ser si mesmo. Nesse estágio, o indivíduo integra-se no passado e na generalidade como aceitação e formação de uma sucessão contínua. Ele se realiza como personalidade individual no interior de um conjunto geral, histórico e social.

3º) Estágio religioso: Kierkegaard, como já falamos, tinha uma relação conflituosa com a igreja institucional luterana de seu país e de sua época. Sua noção quanto à espiritualidade não era burocratizada, era mais densa e profunda. Se alcançado pelo homem, tal estágio se torna o definitivo. É impossível retroceder. O comportamento ético do dia a dia não é abandonado, mas não constitui mais aquilo que unicamente confere sentido à existência do homem. Sua visão de mundo muda. A dimensão do tempo modifica-se. O tempo e o espaço assumem caráter diferenciado e jogado na eternidade. Não há mais tanta pressa. Pressa para quê? O temor da morte costuma esvanecer. O que são cinco anos a menos ou a mais? Alguns interesses sofrem importantes mudanças.





Muitos hábitos são abandonados. A aceitação da finitude é cada vez mais serena. O reencontro com vida eterna, de alguma forma, parece que já se iniciou, sem tristeza, mas com aceitação e serenidade. Em alguns casos, a solidude toma o lugar da solidão.

Uma das diferenças mais marcantes entre os estágios, entretanto, diz respeito à forma do amor. O amor infantil, próprio do estágio estético, é um amor carente. O bebê “ama” seus pais ou aqueles que dele cuidam porque deles recebe os cuidados de que necessita. Essa forma de amor é a única ao alcance das crianças e também daqueles que não evoluíram para o segundo estágio. No estágio ético, já é possível desenvolver uma forma de amor que se manifesta sob uma perspectiva de troca. Assim, não apenas amamos a quem nos ama, mas nos tornamos capazes de oferecer à pessoa amada uma retribuição de amor. Do amor egoísta, o homem evolui para a possibilidade de também ser capaz de dar. Mas o amor desinteressado verdadeiramente só ocorre na passagem do estágio ético para o estágio religioso. Geralmente, surge quando os filhos estão adultos e nascem os netos. Quando se ama independentemente da retribuição a ser recebida, quando a recompensa do amor vem do próprio prazer do sentimento generoso se desenvolvendo dentro de nós.

Para Kierkegaard, entretanto, o aspecto crucial e radical que caracteriza esse estágio diz respeito ao que chama de Salto da Fé. Se no estágio ético o indivíduo se pauta pelo que diz respeito à razão – o racional –, no estágio religioso, tal paradigma é a fé, ou a disposição para agir de acordo com ela em momentos cruciais. O cristianismo pensado por esse filósofo era tão tenaz que achava que todos os homens deveriam viver, pensar e sentir todas as coisas e a todo momento como cristãos verdadeiros, não hesitando em nenhum instante em ser, digamos, se e quando necessário, um mártir da fé. Essa mudança de disposição é o que chamava de “salto da fé”. No momento de um perigo crucial ou na disputa existencial dos encontros dos estágios, de escolha extrema, rompia com a ética e apostava na existência de Deus. Usava o exemplo da atitude emblemática de Abraão quando, sob às ordens do Senhor, embora com infinita dor, estava pronto a sacrificar o próprio filho.

Tal rigidez e fidelidade total a essa concepção custou-lhe a própria felicidade pessoal, uma vez que renunciou a casar-se com a mulher amada, Regina Olsen, por julgar tal atitude incompatível com os princípios religiosos que pregava. Ao final, arrependeu-se do rompimento e, sem sucesso, tentou reconquistar sua ex-noiva, que viria a casar-se com outro. No leito de morte, recusou o atendimento religioso final.

É importante frisar que Kierkegaard não julgava as pessoas por se encontrar nesse ou naquele estágio. Como verdadeiro existencialista, achava que o homem é responsável por suas escolhas e era livre para tal. Não fazia julgamentos morais. Tal postura foi imitada e desenvolvida pelos demais existencialistas que o seguiram.

A Maçonaria também evolui?

A Maçonaria é como o tronco de uma grande e vigorosa árvore. Pode-se podá-la, cortar os galhos ou queimá-los. Frutos e folhas vêm e vão com o tempo. Mas o tronco permanece, sempre pronto a levar a seiva preciosa para recomeçar e manter a vida, a partir de suas raízes, fixas e imutáveis. A Maçonaria constitui as raízes e o tronco. Os maçons devem contribuir com as folhas e os frutos. Fincada em terra segura e firme, assentada por séculos e milênios, suas raízes transmitem a seiva dos verdadeiros valores do bem, da moral e do amor à humanidade. O conceito de Maçonaria, como ideal platônico é, portanto, eterno. Seu DNA é composto por três elementos fundamentais: o rito, o mito e os símbolos.

No rito maçônico, encontramos a junção das dimensões mitológicas, traduzidas nos seus arquétipos e provenientes do inconsciente coletivo da humanidade, bem explanados por Jung; simbólicas, representadas pelos instrumentos utilizados e reverenciados, além do movimento

dos irmãos em loja com seus significados; e, finalmente, filosóficas, se analisarmos a transmissão de conhecimentos, o exotérico e o esotérico, seus valores e histórias, pertinentes ao desenvolvimento do homem em palestras, reflexões e leituras.

Mas como adaptar todo esse cabedal histórico e filosófico, com costumes, ideias, vestes e comportamento que remontam à antiguidade ou a Idade Média, com essa moderna sociedade em que vivemos, com as incríveis mudanças que sofremos, com constantes mutações e novas informações, avanços científicos e tecnológicos, onde tudo é questionado pela ciência real e por crenças não científicas absurdas?

Sabemos, através de nossa história, como a Maçonaria foi útil (concretamente) à Humanidade no passado, mas como e para que ser um maçom hoje?

De um lado, a história, a beleza, os valores eternos, a nobreza e tudo mais que constitui a tradição. De outro, aparentemente oposto, a atualidade, os avanços da ciência e da tecnologia, a compreensão e a incansável busca da verdade, o humanismo, a fraternidade e, principalmente, o agir no mundo profano atual, mantendo os mesmos valores no aqui e agora e guiados pelo verdadeiro Espírito Maçônico.

O desafio é extrair um do outro, é propiciar a fusão do eterno sagrado com o mundo moderno, buscando uma vida maçônica na qual a tradição encontre uma relação harmoniosa com as exigências e determinações objetivas e concretas da vida real, principalmente profana. ◆

Bibliografia

- GILES, Thomas Ranson. *História do existencialismo e da fenomenologia*. Edusp.
LE BLANC, Charles. *Kierkegaard*. Editora: Estação Liberdade.

MORTE

Irmão Rafael Barioni

*Loja Cavaleiros das Sete Virtudes Mani-Lal
Biswas, 604 - Oriente de Ribeirão Preto*

Não se emocione!

A morte chega sem avisar,
Transmitindo em todas as ocasiões, sensação similar,
Consentindo que a felicidade o abandone.

Não se desespere!

Dá novo sentido à existência,
Fideliza com elegância a nossa essência,
Liberta o espírito do cárcere.

Não se entristeça!

Contagie silêncio e afazer,
Compartilhe o saber,
Naufrague de cabeça.

Não se condicione!

Permita-se ser amável e indulgente,
Seja sempre coerente.
Admita o novo e se apaixone.

Não se esmaça!

Valorize a família, irmãos e amigos a cada momento,
Afugente-se de preconceito e sofrimento.
Leis, obedeça.

Não seja antipático!

Aproveite o esquadro para traçar ângulos retos,
Imagine a marcha sob passos eretos,
Obtenha no compasso um caminho emblemático.

Não torne o prosaico uma miséria!

Nem mesmo na súbita parada da vida.
Mesmo que você esteja preparado para a ida,
Um dia o espírito suplantar a matéria. ♦



A Verdade

A REVISTA DO MAÇOM

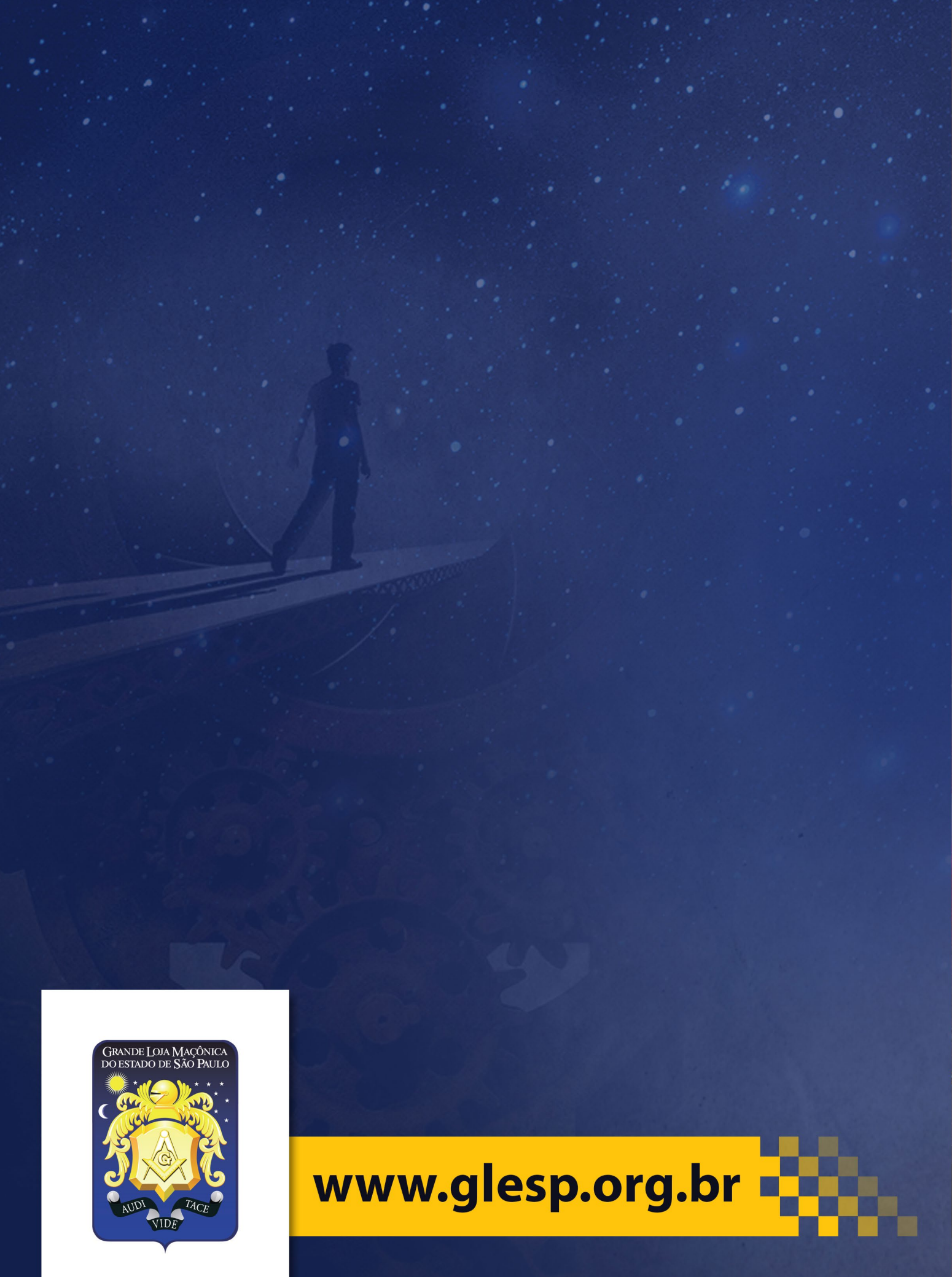


R\$ 106,15

Revista em
formato digital

- Jornalismo, informação e estudo
- O pensamento dos mais conceituados autores da Maçonaria contemporânea
- História, ritualística, simbologia, filosofia e muito mais...

Para obter a assinatura anual (6 edições digitais) envie cheque nominal à Grande Loja Maçônica do Estado de São Paulo, no valor de R\$ 106,15, juntamente com seus dados (nome, endereço completo, telefone, e-mail, loja, oriente e potência) para a Caixa Postal 2.774, CEP 01031-970, São Paulo, SP.



www.glesp.org.br

